

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE**

**PALAVREAR O COTIDIANO, A LEITURA DE IMAGENS COMO MOTIVAÇÃO
DO FAZER POÉTICO.**

**Monografia de Conclusão de
Curso de Especialização
apresentado ao Curso de
Especialização em Pedagogia da
Arte.**

**Orientador: Prof. Dr. Marcelo de
Andrade Pereira.**

MICHÈLE ROHDE DUARTE

**Porto Alegre
Abril de 2011**

SUMÁRIO

1 PRIMEIRAS PALAVRAS.....	07
2 POESIA: A PULSÃO DO SER NA LINGUAGEM.....	14
2.1 A aquisição de linguagem poética.....	16
3. A EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS COMO POÉTICA EM POESIA.....	18
3.1 O emocionar.....	18
3.2 A Pedagogia Waldorf.....	20
3.3 A arte-educação.....	23
4 POÉTICAS EM POESIA.....	26
4.1 O surgimento da questão.....	26
4.2 Seleção dos poemas.....	27
4.3 Primeiro momentos – questionários de investigação.....	27
4.4 Outros momentos – o despertar dos sentidos visuais.....	28
4.5 Outros momentos – o despertar dos sentidos auditivos.....	30
4.6 Outros momentos – o despertar dos sentidos olfativos.....	31
4.7 Outros momentos – o despertar dos sentidos sensoriais.....	31
4.8 A escrita dos poemas.....	32
4.9 Alguns poemas.....	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	38

AGRADECIMENTOS

À misericórdia de Sua Divina Graça Srila Bhakit Sundar Govinda Maharaj por ter me iniciado no caminho transcendental da Consciência de Krishna.

À Srila Bhakit Nirmal Acharya Maharaj, por ter me amparado em seus pés de lótus.

À meu pai Ênio Duarte e minha mãe Eloisa Rohde pelos infindáveis cuidados e incentivos.

À minha vó Maura Fernandes Rohde, por toda a formação moral, ética e estética.

Aos amigos monges Partha Sarati Das e Sivanandini Devi Dasi, pela amizade de todas as horas pelo serviço a Krishna.

À Taróloga e Professora Sandra Tarragô por ter me iniciado no caminho da leitura de imagens.

À aos amigos inseparáveis Rodrigo, Ludimila, Nádia, Carine e Fernando, por terem feito da minha vida poesia em 2010.

Ao amigo Eduardo Francisco Dionísio pelas discussões de Fernando Pessoa, Rilke e Roberto Piva.

À a amiga do peito Camila Pozzebon, pelas profundas poéticas em amizade.

À Professora Luciana Prass, pelas inspiradoras orientações iniciais.

Ao excelente orientador, Professor Marcelo Andrade Pereira, por toda a dedicação e empenho.

À a equipe da Escola Brigadeiro Francisco Lima e Silva, pelo acolhimento, carinho e muitas outras palavras, que vão além do papel.

Aos meus alunos, por toda a aprendizagem e por todas as poéticas em afeto que me foram proporcionadas.

Dos Três Mal

O amor comeu meu nome, minha identidade,
meu retrato
O amor comeu minha certidão de idade, minha
genealogia, meu endereço
O amor comeu meus cartões de visita, o amor
veio e comeu todos os papéis onde eu escrevera
meu nome
O amor comeu minhas roupas, meus lenços e
minhas camisas,
O amor comeu metros e metros de gravatas
O amor comeu a medida de meus ternos, o
número de meus sapatos, o tamanho de meus
chapéus
O amor comeu minha altura, meu peso, a cor de
meus olhos e de meus cabelos
O amor comeu minha paz e minha guerra, meu
dia e minha noite, meu inverno e meu verão
Comeu meu silêncio, minha dor de cabeça, meu
medo da morte.

(João Cabral de Melo Neto)

RESUMO

Estuda sobre as relações entre poesia e as relações entre sentidos e construção do sujeito leitor. Analisa uma experiência realizada em 2010, no âmbito escolar, dando ênfase a leitura de poemas de Mário Quintana, Sérgio Caparrelli e Paulo Leminski sob um fazer inspirado na busca da sensibilização poética organizada pelos sentidos de João Francisco Duarte Junior, pela poetização de Paul Valériè, pela Lógica de Gilles Deleuze e pela arte educação da Pedagogia Waldorf. Traça-se um relato da oficina de poesia ministrada e a leitura de poemas resultantes de processo.

Palavras-chave: Cotidiano; Imagens; Poesia.

ABSTRACT

Studies about the relationship between poetry, senses and the construction of the subject reader. Analyses an experience held in 2010, in a school scope, with emphasis to readings of Mário Quintana, Sérgio Caparrelli and Paulo Leminski's poems under a doer inspired in searching of poetic sensibilization organized by João Francisco Duarte Junior's senses, by the poetry kind of Paul Valériè, by Gilles Deleuze's logic and by Pedagogic Waldorf's art education. Draws an account about a workshop of poetry given and the reading of poems resulting from this process.

Keywords: Daily; Pictures; Poetry.

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

A maioria dos acontecimentos é indizível, realiza-se em um espaço que nunca uma palavra penetrou, e mais indizíveis que todos os acontecimentos são as obras de arte, existências misteriosas, cuja vida perdura ao lado da nossa, que passa.

(Rainer Maria Rilke)

A proposta do presente estudo é investigar o sentido, as implicações e os limites do uso de poesia nas aulas de literatura infanto-juvenil. Supõe que a inclusão desta forma de expressão artística humana constitui uma ferramenta de humanização. A inspiração para a observância desta questão tem como raiz o desejo de despertar em alunos do ensino fundamental o gosto pela poesia e através de um trabalho de imersão em linguagem poética motivar a expressão através da linguagem artística verbal, pois “As coisas em geral não são fáceis de aprender e dizer como normalmente nos querem levar a acreditar”¹, e através do sensibilizar para o olhar poético do cotidiano através da leitura de poemas facilitar a aprendizagem sobre a vida e semear o dizer poético através da literatura.

Assim, analisa-se, neste trabalho o desenvolvimento de uma oficina de poesia desenvolvida com alunos da quinta série do ensino fundamental da rede estadual de ensino, no ambiente escolar, durante o período de junho a novembro do ano de 2010 e a criação de imagens poéticas referentes ao cotidiano na produção de poemas decorrentes da oficina.

As poesias utilizadas para inspiração do fazer poético foram selecionadas da obra de Mário Quintana, Paulo Leminski, Sérgio Caparelli, bem como os poemas contidos na antologia Poesia fora da estante, resultado de uma pesquisa desenvolvida no Centro de Pesquisas literárias da PUC/RS pelas especialistas Simone Assumpção, Sissa Jacoby e Vera Aguiar, coordenadora do projeto.

A literatura é a expressão artística mais valorizada, atualmente, dentro da escola; é a única que no decorrer das décadas não perdeu o seu espaço e que não dá espaço para que profissionais de outras aulas ministrem as suas práticas, como ocorre com outras artes. Ela mantém intacto o seu lugar dentro

¹ RILKE, Rainer Maria. Cartas a um jovem poeta. Porto Alegre: L&PM, 2010, p.23.

da grade curricular, todavia, há muitos alunos que não se identificam com o saber literário, e muitos, que sequer gostam da disciplina, sem falar dos outros muitos que nem sabem que literatura é arte. Essa questão faz-se presente dentro dos estudos de literatura e é discutida por Diana Maria March, no artigo, *A literatura e o leitor*. Ela aborda questões como a formação do leitor e o porquê de as aulas de literatura não formarem leitores.

Para muitos a leitura de livros de literatura é muito exigente, difícil, cansativa, monótona, demorada, enquanto os jornais e as revistas são de leitura rápida e, por isso, agradável. É comum que os adolescentes - ou pré-adolescentes – refiram-se a sensação de perda de tempo relacionada com o fato de ficarem lendo enquanto as coisas acontecem. Para eles, ler livros não é um acontecimento.

As questões relacionadas à leitura tem sido tão problemáticas dentro na educação atual, que algumas provas são desenvolvidas com o objetivo de avaliar a capacidade de leitura dos alunos, como é o caso do ENEM², que, até o presente ano tem valorizado muito mais a leitura e interpretação de textos do que na aplicação e/ou relação de conteúdos. Essa situação, se não for trabalhada com muita determinação, por professores leitores, pode ser agravada, aumentando, assim, o índice, já assustador, de analfabetos funcionais no Brasil.

No Rio Grande do Sul, apesar de termos anualmente uma Feira do Livro significativa em Porto Alegre, e de termos uma Jornada Literária famosa em Passo Fundo, o público leitor ainda é discreto e se divide em gêneros que não são satisfatórios para designar leitores, pois há leitores de jornais, há leitores eventuais, mas poucos são os leitores reais, aqueles hábeis em diferentes gêneros e que refletem de forma crítica sobre a leitura. Todavia, cabe aos educadores das áreas das linguagens, terem a formação destes leitores como meta, buscando assim, diferentes recursos para o despertar deste sentido.

Esse contexto possibilita várias possibilidades de olhares, contudo, não consigo deixar de pensar pelo lado da beleza. Creio que o ser humano se atrai naturalmente pelo que é belo, então, penso que essa relação leitor-texto-leitor faz-se mais instigante através do que é agradável aos olhos e nenhum gênero sabe melhor desempenhar este papel do que a poesia. Assim, acredito que o

² Exame Nacional de Ensino Médio.

intenso contato dos educandos com a poesia, tende a despertar naturalmente o gosto pela leitura, e concomitantemente a apreciação estética, pois o lirismo das imagens construídas remete a um universo fantástico que pode levar o indivíduo a explorar aspectos já existentes em si, como afirma Cunha,

As pesquisas mostram uma tendência natural da criança para a poesia, e várias são as razões disso. É muito comum compararmos a criança e o poeta. Realmente, o mundo infantil é cheio de imagens, como o campo da poesia. A fantasia e a sensibilidade caracterizam a ambos. A todo o momento surpreendemos nas crianças falas altamente poéticas (1998. p.118).

A criança naturalmente fala poesia, porém se ela não conviver com poesia ela vai perdendo o ritmo, a linguagem poética, neste aspecto, pode ser comparada a flexibilidade do corpo, nascemos com ela, alguns mais, alguns menos, todavia, se não a utilizarmos, não a desenvolvermos, não a praticarmos, vamos perdendo, e num determinado período acontece: não existe mais, simplesmente foi embora, e se estivermos desatentos, nem percebemos, simplesmente fica a conformação do natural, parecendo o óbvio e por conseguinte o lógico, o único e o racional, usando assim o senso comum para determinar o futuro e fechando possibilidades de criação e expressão.

A linguagem, antes da intervenção normativa adulta [...] é recebida como misteriosa, multiforme, plástica. Material para formar, deformar, construir, reconstruir, indefinidamente. Atitude que o poeta [...] deverá um dia, duramente, encontrar, fazer ressurgir (Held, 1980).

A linguagem é uma das opulências dos homens, valorizar a literariedade deveria ser o habitual, todavia, nem sempre é dado o valor adequado as questões do sensível. Entretanto, caso a conexão com o poético tenha sido perdida, ou nunca sequer encontrada, ela, a poesia, pode ser praticada na escola, o ambiente é totalmente favorável para isso, pois existem crianças, existem livros e existem mediadores, porém, nem sempre os mediadores tem consciência da riqueza que possuem; pois o que os alunos mais querem é comunicarem-se.

E muito do trabalho vem da leitura do discurso dos alunos, ou seja, o que eles querem dizer? Penso que assim como diz a música da Banda Barão Vermelho: “se você não sabe ser forte, seja pelo menos humano”, vale pensar que se o mediador não consegue alcançar o que o aluno quer dizer, vale tentar estimular a comunicação, valorizar e mediar o dizer, pois os objetos das áreas

da linguagem é a própria linguagem. Segundo Marcelo Andrade Pereira, em seu artigo A pedagogia da performance (p.02)

O que é o ato pedagógico senão um anelo poético-político, um desígnio premeditado de constituição, formação e, ulteriormente, de transformação do indivíduo pela comunicação? É o anelo da comunicação, com efeito, que funda, de maneira expressa, o sujeito e seu conhecimento – nas acepções que comumente lhe atribuem, seja sujeito *de* ou sujeito *a*; isso porque ser sujeito é ser, invariavelmente em relação. A busca pelo êxito da comunicação corresponde, nesse sentido, à busca pelo êxito da própria educação, (...)

Para tanto, neste processo de comunicação, o olhar para o interior é inseparável ao processo de comunicar para o exterior, pois ler poesia está diretamente vinculado a um estado interior, um estado no qual tem olhos o olhar sensível, o estado do olhar, que Rilke define como o espaço que uma palavra nunca penetrou, o espaço no qual as imagens tocam os sentidos, todavia, para a existência de um vínculo entre o olhar e a palavras, faz-se necessário um compromisso maior, o mergulho netuniano dentro do desconhecido mundo da criação das próprias imagens. Afinal, o que existe nas profundezas das águas do próprio conhecimento, como verbalizar o que já foi sentido e guardado além da esperança de Pandora.

Ainda na primeira carta Rilke (p.24) aconselha:

O senhor olha para fora, e é isso sobretudo que não devia fazer agora. Ninguém pode aconselha-lo e ajudá-lo, ninguém. Há apenas um meio. Volte-se para si mesmo. Investigue o motivo que o impele a escrever; comprove se ele estende as raízes até o ponto mais profundo do seu coração, confesse a si mesmo se o senhor morreria caso fosse proibido de escrever.

A exacerbação das palavras de Rilke pode, devido ao atual contexto escolar, parecer exagerado ao início do educando à familiarização da sua comunicação poética, todavia, ela pode ser comparada ao poema Morte a vida Severina, no qual João Cabral de Melo Neto menciona que se morre de descaso um pouco por dia. Aproprio-me da liberdade de comparar a proibição de escrever que Rilke menciona com o silenciar da comunicação; tendo em vista que, a grande maioria das pessoas não percebe que não tem voz, logo, não percebe que distrai, desenxerga, anula e por conseguinte, morre ainda que em vida, por desconsiderar que o sobro da vida, nos seres humanos está vinculado a criação.

Por isso eu acredito no trabalho prático com imagens através do desenhar, do buscar, do recortar, da fotografar, do escrever e do apreciar filmes e desenhos, intensifica o processo natural de ler o mundo, que é o processo natural de ler imagens. Segundo March (p.160) O visual e a oralidade (...) são as leituras mais frequentemente realizadas pela maioria da população. E essas leituras aguçam a percepção do sujeito, que de acordo com Chauí,

O mundo percebido é qualitativo, significativo, estruturado e estamos nele como sujeitos ativos, isto é, damos as coisas percebidas novos sentidos e valores, pois as coisas fazem parte de nossas vidas e interagimos com o mundo (1995. p.123).

Acredito que ao visualizarem as suas fotos, e as fotos da sua comunidade, acontece um processo positivo de identificação, e esse olhar para si com arte, deve ser expresso através da arte, e esse fazer poético deve ser registrado tanto no processo oral quanto escrito.

A análise dos poemas escritos pelos alunos é o objeto final da pesquisa, para tanto será feita a análise semiótica da produção poética de um aluno, que será selecionado no decorrer do processo, devido a percepção da transformação do mesmo percebida pela educadora, ou pelo relato de resignificação manifestado pelo mesmo no decorrer do processo, a leitura da produção textual do alunos terá como base no livro Teoria semiótica do texto de Diana Luz Pessoa de Barros.

O objetivo da análise semiótica é observar as imagens cotidianas referentes a si mesmo e sobre a comunidade.

Ler imagens verbais e não verbais, escrever poemas, montar uma sessão de autógrafos no saguão da escola para expor os livros artesanais feitos alunos com a antologia dos poemas, gravar os registros orais dos poemas, despertar o gosto pela leitura de poemas, despertar o gosto pela escritas são metas específicas da oficina.

Tendo em vista que o objeto a ser pesquisado é a produção literária de alunos de uma quinta série e que, estas revelarão uma série de particularidades sobre o cotidiano dos alunos, e tem como protagonistas os sujeitos, a forma que eles veem a si mesmos e a forma como eles lêem o

mundo, optei pela escolha do método qualitativo de pesquisa para análise do processo e do material, pois, segundo Chizzotti,

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo subjetivo e a subjetividade do sujeito.” O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (1995, p.79).

Acredito ser os significados atribuídos pelo sujeito o que remete aos reais dados, fundamentais no desvendar da construção dos processos artísticos e que o fazer poético faz-se por percepções tão sutis, que para observá-lo é necessário um olhar especial, que só pode ser feito através do método qualitativo, e que essa observação perpassa pela metodologia utilizada para o olhar o processo criativo do sujeito, como é exposto por Chizzotti,

O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (*Ibid*).

A coleta dos dados qualitativos dar-se-á através de um estudo de caso, pois a metodologia foi desenvolvida com base na realidade do objeto. Haverá coleta e registro de dados, organização de relatório e avaliação analítica da proposta desenvolvida.

Um estudo de caso bem desenvolvido fundamenta as intervenções propostas no ambiente, pois, segundo Chizzotti,

O caso é tomado como unidade significativa do todo e, por isso, suficiente tanto para fundamentar um julgamento fidedigno quanto propor uma intervenção. É considerado também como um marco de referência de complexas condições socioculturais que envolvem uma situação e tanto retrata uma realidade quanto revela a multiplicidade de aspectos globais, presentes em uma dada situação (1995.p.102).

O desenvolvimento do estudo de caso se organiza em três partes, na primeira há a seleção e delimitação do caso. Momento no qual será previstos os aspectos e os limites do trabalho sobre um campo específico. Na segunda parte há o trabalho de campo e a documentação do material observado através

de escrita, oralidade, gravações, filmes. Na terceira parte há a organização e redação do relatório com o objetivo de mostrar a diversidade de aspectos relacionados ao problema.

A criação poética será motivada através de oficinas de produção literárias. Na primeira etapa as oficinas serão antecedidas por atividades de sensibilização como, por exemplo: exibição de filmes e animações com textos verbais e não verbais, leitura de poemas, recitais de poemas, audição de músicas, danças, atividades de autoconhecimento e despertar dos sentidos, como uso de oráculos, uso de incensos, automassagens, meditações, etc.

Na segunda etapa os alunos serão orientados a escreverem sobre as experiências vivenciadas nas sensibilizações e após serão orientados à escreverem sobre a sua comunidade. Os alunos farão relatórios sobre a experiência. As fotos serão organizadas em slides que serão projetados para que os alunos assistam as fotos. Caso haja disponibilidade de imprimirmos algumas fotos será feito um painel para exposição de fotos dos alunos.

Na terceira etapa as imagens das fotos tiradas por eles serão utilizadas para composições poéticas verbais e não verbais.

Os dados serão registrados através de cópias das produções textuais, relatórios e entrevistas, gravações e filmagens.

A escola fica na comunidade que eu estudei na minha infância, para mim é muito agradável voltar a frequentar este ambiente. O bairro é bonito, tem belas casas, belas praças e as pessoas parecem ter um bom padrão aquisitivo. A escola é grande e tem um muro que não permite as pessoas de fora saber o que ocorre dentro dela, o pátio é amplo e nele está sendo construído um jardim, o qual a escola foi presenteada pelo consulado japonês.

A observação da turma revelou algo muito interessante, alunos alegres, alunos carentes, alunos comunicativos, alunos que expressam seus pensamentos através da oralidade. Eles dizem o que sentem e dizem o que esperam. Assim, eu que venho de um trabalho com adolescentes apáticos, fiquei muito surpreendida é muito satisfeita. Eles falam bem, tem bom vocabulário, sintaxe e conteúdo.

2 POESIA: A PULSÃO DO SER NA LINGUAGEM

E se desse ato de voltar para dentro de si, desse aprofundamento em seu próprio mundo, resultarem versos, o senhor não pensará em perguntar a alguém se são bons versos. Também não tentará despertar o interesse de revistas por tais trabalhos, pois verá neles o seu querido patrimônio natural, um pedaço e uma voz de sua vida (Rilke, p.26).

A arte imita a vida, frase esta que resume o conceito aristotélico de mimese apresentado em sua Poética, e que define, naturalmente, o campo da linguagem poética, porém, ao dividirmos as artes, encontramos em cada uma um objeto específico, a música com o som, a dança com o movimento, a pintura com a cor e sendo a literatura a arte da palavra, nela encontramos, como em várias outras linguagens artísticas, muitas subdivisões, pois diferentes são as metas da palavra. Quanto a poesia, ele se encarrega de algo que escapa aos critérios da lógica, e isto a distingue de outras expressões literárias. Segundo Filipouski (2006, p.336):

No gênero lírico, o eu lírico expressa sua experiência do mundo e através dela se desenvolve a potencialidade de comunicação com o leitor. Da posição do eu - lírico depende a visão das coisas, com a qual o leitor poderá se solidarizar ou se opor. Sujeito da enunciação problematiza o contexto e depende de solidariedade do leitor para concretizar a interação estética que a poesia provoca.

Entretanto, restringir a poesia ao gênero lírico, parece algo demasiado apertado, profundamente sufocante. Cabe então a Zumthor (2005, p.09) a delimitação do espaço referido durante a utilização do presente termo:

Entendamos por poesia esta pulsão do ser na linguagem, que aspira a fazer brotar séries de palavras que escapam misteriosamente, tanto ao desgaste do tempo como à dispersão no espaço: parece que existe no fundo desta pulsão uma nostalgia viva da voz.

Poesia é algo tão subjetivo que pode, talvez, ser comparado à arte da vida. Todavia, colocar esse algo em palavras é difícil, similar é o processo de enxergá-lo. Valéry, em suas Questões de poesia (p.171) menciona: Imagino, sobre a essência da Poesia, que ela tenha, de acordo com as diversas naturezas dos espíritos, valor nulo ou importância infinita: o que a assimila ao próprio Deus.

Essa semelhança, talvez, seja a matéria que a permita ao experienciador transgredir o próprio nível de consciência anterior ao presente

contato, pois é intrigante supor que exista algo na linguagem que vá além do próprio ato da comunicação e muito subjetiva a experiência de vivenciar na arte um pedaço de além que projete diretamente para outro nível de existência. Assim, é possível comparar a poesia a um meio, como uma canoa, que favorece a navegação pelas águas do eu e permite o alcance de um outro lugar dentro do mesmo eu, um lugar onde as palavras se tornam fluidas, alcançam a dimensão do inseguro. Segundo Rilke (p.78):

Pois, se pensarmos a existência do indivíduo como um cômodo de dimensões maiores ou menores, revela-se que a maioria de nós só chega a conhecer um canto de seu quarto, um local perto da janela, uma faixa na qual se anda para lá e para cá. Contudo, é muito mais humana do que essa segurança aquela incerteza, cheia de perigos, que leva os prisioneiros dos contos de Poe a tatearem as formas de seus cárceres aterrorizantes e a não serem alheios aos horrores indizíveis de sua permanência ali.

Essa permanência é que é o espaço de oposição da poesia, pois os cárceres, em maiores ou menores dimensões são imagens, que tomaram, ou não, formas verbais. Todavia, a singularidade consiste em alcançar a imagem demolidora do cárcere, ou seja um ponto de poetização no qual o leitor consegue alcançar a criação do autor e nele sentir presença lírica através da ação de presenciar a arte, um contato que alcança a extensão do contato do tempo da ideia, um tempo que ao mesmo tempo que é íntimo, porque desencadeado do presente de cada um, é extensivo ao outro pois se aloca em signos coexistentes e redimensiona saberes inerentes a criação e a leitura. Segundo Deleuze (2009, p.09):

A dialética é realmente a arte da conjugação. Mas é próprio da linguagem, simultaneamente, estabelecer limites estabelecidos: por isso compreende termos que não param de deslocar sua extensão e de tornar possível uma reversão da ligação em uma série considerada.

E segue:

O acontecimento é coextensivo ao devir³ e o devir, por sua vez é coextensivo a linguagem; o paradoxo é, pois, essencialmente “sorite” isto é, série de proposições interrogativas procedendo segundo o

³ O puro devir, segundo Gilles Deleuze, é a matéria do simulacro, na medida em que se furta ação da ideia, na medida em que se contesta ao mesmo tempo tanto a matéria como a cópia.

de vir por adições e subtrações sucessivas. Tudo se passa na fronteira das coisas e das proposições.

Fronteira da consciência que se dissolve como que a dançar possibilidades, palavras que acontecem jogos, como em Alice no País das Maravilhas e que tornam as palavras instrumento de anarquia ou diversão. Todavia, elas dependem das adições e subtrações calcadas na experiência que se aplica na proposição. Mudanças que impulsionadas pela poesia constroem outras imagens, também poéticas porém, alicerçadas na vivência de cada um.

2.1 A aquisição de linguagem poética

Brincar faz parte da natureza, até mesmo os animais brincam, basta observarmos a reação de um gato ou cão com uma bolinha para confirmarmos a afirmação. Todavia, criar enunciados verbais é uma habilidade do ser humano, é natural então que desde a infância, o ser humano utilize as palavras para brincar.

A arte de brincar com as palavras começa junto com o processo de aquisição da linguagem. Segundo Held (1980):

A linguagem, antes da intervenção normativa adulta [...] é recebida como misteriosa, multiforme, plástica. Material para formar, deformar, construir, reconstruir, indefinidamente. Atitude que o poeta [...] deverá um dia, duramente, encontrar, fazer ressurgir.

A palavra desde a antiguidade está relacionada com o processo de criação, como no versículo que diz: No início era o verbo.

Quem não se lembra de ter gostado de uma palavra por sua beleza intrínseca, por seu ritmo, por suas sonoridades, por sua própria complexidade – efemérides – por exemplo -, de tê-la escolhido como suporte de suas brincadeiras e de seus sonhos, e de ter, por vezes, ficado decepcionado, ao descobrir sua significação normal, admitida e reconhecida por todos.[...]

Tipo de jogo verbal cujo encanto nasce precisamente do absurdo, do imprevisto, do inesperado: palavra totalmente imaginária ou palavra “normal civilizada” retomada e recriada, para fazer com que passe a significar coisa totalmente diferente (Held,1980).

De acordo com a autora, é natural no ser humano a arte de brincar com as palavras. Através de este brincar, abrimos a nossa visão de mundo para outras possibilidades e estimulamos diferentes desejos de criação.

3. A EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS COMO POÉTICA EM POESIA

As escolhas feitas pela humanidade referentes aos saberes ministrados na grande maioria dos espaços dedicados a educação, infelizmente, muito priorizam os conteúdos que produzirão nos educandos o conhecimento necessário para que estes se adaptem ao mercado de trabalho. A instituição escola foi muito negligente perante as necessidades humanas dos indivíduos, ignorou, por exemplo, durante anos, as necessidades individuais de cada um, e valorizou em demasia, a comodidade de um monólogo dentro de um modelo no qual o educador fala e os educandos ouvem. Para Maturana (2004, p.47):

Os aspectos puramente patriarcais da maneira de viver da cultura patriarcal européia – à qual pertence grande parte da humanidade moderna, e que doravante chamarei de cultura patriarcal – constituem uma rede fechada de conversações. Esta se caracteriza pelas coordenações de ações e emoções que fazem de nossa vida cotidiana um modo de coexistência que valoriza a guerra, a competição, a luta, as hierarquias, a autoridade, o poder, a procriação, o crescimento, a apropriação de recursos e a justificação racional do controle e da dominação dos outros por meio da apropriação da verdade.

3.1 O emocionar

Os resultados da culturação da educação que é definida por Maturana como patriarcal estão sendo espelidos pela contemporaneidade, principalmente porque os homens sabem lutar contra os homens, todavia, ainda não sabem, e provavelmente nunca saberão, lutar contra a natureza. Então, faz-se necessário olhar e ver, e em função, entre outros fatores, do evidente caos ambiental presenciado a partir do século XX, outras propostas pedagógicas vem sendo sugeridas, ainda que de forma discreta, porém necessária. Assim, cada vez mais as evidências de que o caminho tomado, por quem apostou todos os seus potenciais no abuso e no poder, é impossível de ser perpetuado como modelo, pois o planeta não tem estrutura para tanta exploração. Surge então o início do despertar para a necessidade do retomar de uma consciência mais voltada ao humano, mais voltada, segundo Maturana, a uma mudança emocional que geste uma transformação cultural. Creio que são nossas emoções (desejos, preferências, medos, ambições...) – e não a razão – que determinam, a cada momento, o que fazemos ou deixamos de fazer. (Maturana

2004, p.29). Assim, há um outro caminho a ser vivenciado, o caminho do despertar da consciência humana, e este pode ser perpetuado através de um educar das emoções, que desperte um saber mais natural, um saber realmente útil e mais sustentável, pois somente assim, poderá haver uma diferenciação no emocionar e por conseguinte, novas motivações poderão surgir dos membros de cada sociedade, motivações que sejam mais saudáveis e que estejam mais de acordo com a harmonia planetária, respeitando as diferenças e guiando a um nível de consciência mais desperto para as reais necessidades. Diz Maturana: Com efeito, sustento eu a emoção define a ação [...] mantenho que é a emoção sob a qual ocorre um pensamento ou gesto que faz deles uma ação ou outra; um convite ou uma ameaça por exemplo (Maturana, 2004, p.32).

Assim, uma educação mais voltada ao autoconhecimento, e o educar das emoções e dos sentidos dialoga com as futuras motivações, pois as ações são estimuladas pela leitura de mundo feita pelos indivíduos. Para Maturana (2004, p. 106):

Com frequência, dizemos que tanto a luta entre o bem e o mal quanto o viver em agressão são características próprias da natureza biológica dos seres humanos. Discordo, não por pensar que o ser humano, em sua natureza, seja pura bondade ou pura maldade, mas porque considero que a questão do bem e do mal não é biológica e sim cultural. Esse conflito em que nós, seres humanos patriarcais modernos, vivemos, nos dobrará com sofrimentos e por fim nos destruirá, a menos que o resolvamos.

A necessidade de resolver as complexas dificuldades criadas pela sociedade contemporânea guiam a algumas singelas transformações que tem utilizado como meio e forma de educar, é visível que a perpetuação das fábricas de saberes coletivos implicam no exagero da aceitação do habitual como natural, como diz Bretch, todavia, os números da violência no Brasil, mostram que algumas medidas precisam ser tomadas para modificar o quadro do forte adoecimento dos sentidos gerado pelo modo de vida escolhido e vivenciado pela espécie humana. Atualmente no Brasil, alguns programas sócias tentam amenizar este quadro, e muitos tem por proposta a utilização das artes na educação como meio de retomada de consciência, pois enquanto os indivíduos continuarem sendo coletivizados haverá contradições e estas

implicarão na necessidade constante da perpetuação de fábricas de saberes coletivos, como é o caso de muitas escolas, que ainda privilegiam a preparação para o mercado de trabalho e inibem a sensibilidade, a criatividade e o autoconhecimento, pois através destes saberes surgem motivações, muitas vezes, opostas ao poder dominante, gerando assim um aparente desequilíbrio estimulado pela vontade de ter voz, de estabelecer conversações. Para Maturana (2004, p.33):

Por causa do contínuo entrelaçamento do linguajar e do emocionar que implica o conversar, as conversações recorrentes estabilizam o emocionar que elas implicam. Ao mesmo tempo, devido a este mesmo entrelaçamento do linguajar com o emocionar, mudanças nas circunstâncias do viver que modificam o conversar implicam alterações no fluir do emocionar, tanto quanto no fluxo das coordenações de ações daqueles que participam dessas conversações.

Todavia, não basta adicionar ao currículo escolar, ou montar projetos sociais que valorizem a arte e idealizar que através do contato com ele tudo poderá ser transformado. Educar as emoções é um processo muito complexo, é um caminho de transformação, porém não pronto. É muito difícil encontrar o ponto de intersecção entre o cultural e o individual, é difícil também, na verdade impossível, fazer o caminho de volta. Maturana muito esclarece sobre este caminho nos ideais propostos através da valorização do que ele chama de cultura matrística de participação, cooperação e reflexão sobre o diferente.

Para tanto, talvez seja contraditório tentar estabelecer um contrato de humanização através da arte, sem buscar de forma mais profunda valorizar o elo entre o ser humano e ela. As afirmações do biólogo Humberto Maturana, são, ao meu ver, muito valiosas, todavia, penso que elas dialogam com o pensamento político educacional de Paulo Freire acerca da necessidade da ocupação do espaço social condizente aos silenciados, entretanto, penso que este processo de ocupação social precisa ser mediado através de um educar realmente sensível, como por exemplo: a proposta antroposófica de Rudolf Steiner.

3.2 A Pedagogia Waldorf

Criado por Rudolf Steiner em 1919, baseia-se na observação íntima do “ser criança” e das condições necessárias ao desenvolvimento infantil. Ela está situada dentro de um contexto maior e ainda mais complexo que é a Antroposofia, ciência espiritual criada também por Steiner.

Por estar embasada em uma ciência espiritual, a Pedagogia Waldorf observa o ser como um todo. Neste tipo de educação é valorizado o individual e a sensibilidade dos educandos é valorizada através de um educar artístico. As etapas da educação são desenvolvidas de acordo com as necessidades de aprendizagem de cada faixa etária, as artes estão presentes em todo o currículo e a criatividade é estimulada sempre, assim as crianças são educadas para sentir, pensar e criar. Os professores atuam como arte-educadores e a família está presente no espaço educacional. Este modelo austríaco de educação atualmente está implementado em vários países, em Porto Alegre existem três escolas que atuam sob esta proposta, Casa Ametista, Querência e Arco-iris, sendo que muitas outras escolas de educação infantil utilizam a Pedagogia Waldorf associada a outras pedagogias.

O grande diferencial da Pedagogia Waldorf é a valorização do individual, do que cada ser humano traz dentro de si e a educação sensível de que deve haver harmonia entre o microcosmo, o indivíduo e o macrocosmo, o Universo. Segundo Rudolf Lanz (1979, p.71): De acordo com essa cosmovisão, o mundo e toda a existência têm um sentido. Nada é obra do acaso! O Homem, fazendo parte do Universo, também tem estrutura, e sua existência tem sentido.

Esta visão de educar mostra-se sempre em harmonia com o cosmos. O educando busca quem é, sente o seu lugar e vive de forma mais sustentável. Para Lanz (1979, p.62)

Entre as contramedidas, uma educação de acordo com a verdadeira natureza ocupa o primeiro lugar. Ela implica, partindo da afirmação do próprio “Eu” um respeito ao “Tu”, a auto-integração na genuína responsabilidade social e a positividade perante o mundo – a qual não exclui a crítica justificada (desde que o espírito crítico, que contém um elemento destruidor, não seja cultivado em jovens antes da puberdade).

A Pedagogia Waldorf embora incentive muito a liberdade de expressão, indica cuidadosamente o que deve ser proporcionado aos jovens de cada

idade. Assim, apesar de muito valorizado o saber individual, o conceito do outro é também muito trabalhado e a crítica tende a ser orientada somente após a puberdade, pois como existe um estudo espiritual da natureza do eu, é valorizado o momento adequado de amadurecimento espírito-emocional para cada saber.

Assim, a busca do sentido da vida é a questão maior do ambiente escolar. Entretanto, esta questão não é trabalhada de uma forma pesada, cobrada ou exigenciada. Ela faz parte de um cotidiano artístico, de um valorizar do sentir, vivenciar e criar, as crianças desenvolvem consciência sobre o seu lugar no mundo e expressam através da arte a sua leitura do mundo. Tudo, em uma Escola Waldorf ideal, dialogam com o autoconhecimento e a arte, motivando uma real aprendizagem, que difere em muito do adiestramento proporcionado pelo modelo de educação convencional. A educação passa a ser assim um meio reflexivo. Segundo João Francisco Duarte Jr (1988, p. 26) Todo processo de conhecimento e aprendizagem humanos se dá sobre dois fatores: as vivências (o que é sentido) e as simbolizações (o que é pensado). A tudo o que sentimos, vivemos, procuramos dar um significado, através dos símbolos (palavras).

Assim, a vivência, muito influencia a linguagem, pois se de acordo com Maturana é o emocionar que direciona as ações e de acordo com Duarte Jr procuramos dar significado as nossas vivências através das palavras, a educação dos sentidos pode estar diretamente relacionada com o fazer poético, então propostas educacionais como por exemplo a proposta Waldorf, não só educam os sentidos, como também estimulam o fazer poético.

Tudo o que se refere a linguagem está no centro da pedagogia Waldorf. Segundo Lanz (1979, p.111) A fala é a revelação, por meio dos sons. Do âmago espiritual do homem.

As aulas de linguagem valorizam a vivência estética e a leitura da própria escrita desde a alfabetização.

Segundo Lanz (1979):

Em todas as aulas de linguagem, o professor contará certos textos [...] "Ouvir" e levar para casa e para o sono certos conteúdos é de suma importância. Cria a expectativa da continuação, no dia seguinte: dá ensejo a versos, dramatizações, etc.

A valorização da linguagem é um dos aspectos que faz da pedagogia Waldorf uma proposta tão atraente quanto a educação dos sentidos. Afinal, quais pedagogias se preocupam realmente com a educação do eu? A grande maioria delas se preocupa em como ensinar conteúdos deixando assim a educação do sensível de lado. O processo de leitura sugerido terá consequências futuras na escrita, pois se a aprendizagem da escrita natural, o indivíduo se sentirá a vontade para brincar com as palavras, consciente do poder do instrumento de sua brincadeira. O corpo e a palavra são instrumentos artísticos naturais ao ser humano, todavia, a arte não acontece em todos os seres. Quando o educar se preocupa com o sensível e com o estético, ele proporciona o despertar de talentos naturais, todavia, a o olhar sobre si mesmo influi o olhar acerca do mundo, e é esse olhar que deve ser educado pelos professores da linguagem, assim a utilização de textos criteriosamente selecionados educam o ouvir, fornecem ao educando um senso estético naturalmente desenvolvido, naturalmente aprimorado, esse conhecimento, quando apropriado, será fundamental na produção textual, será fundamental para que o poeta olhe a sua criação com olhos sinceros e veja o que pode ser transformado para que esta seja poesia.

3.3 A arte-educação

Muito do que é necessário ser feito para a educação da espécie humana, penso eu, pode ser feito através do educar do olhar poético. Assim, penso que os aspectos apontados por Humberto Maturana são importantes e que a proposta da Pedagogia Waldorf dialoga com o conceito dele de sociedade matrística, todavia, penso que a arte não cabe o papel de ser terapia e que deve haver um cuidado na forma como ela é trabalhada na educação. Não está nela a solução dos problemas da sociedade moderna, mas ela pode ser um instrumento de sensibilização. Muito do contato com a arte pode estar associado ao aprender a ver a vida de outra forma, ler o mundo de uma forma mais artística afinal o mundo também pode ser metonimizado em arte. Assim a educação sensível não só pode lapidar o senso estético como também despertar os potenciais criativos e incentivar a uma leitura mais poética do

mundo, ainda que existam dificuldades. Para Duarte Jr. (1988, p. 13) Talvez as emoções não atrapalhem – como usualmente se acredita – nosso desenvolvimento intelectual. Pode até ser que ambos – razão e emoção – se completem e se desenvolvam mutuamente, dialéticamente.

O autor esclarece o conceito de arte educação (1988, p.14)

Para que possamos analisar adequadamente, atingindo o cerne do pensamento que fundamenta a arte-educação, será necessário decompor o termo em seus elementos constituintes. [...] Nessa busca, certamente, encontraremos a convergência de uma série de elementos da arte e da educação para um ponto em comum: a criação de um sentido para nossas vidas.”

Nesse aspecto, o dialogo entre o conceito de arte-educação e a Pedagogia Waldorf é evidente, ambos associam a sensibilização ao encontro do sentido de nossas vidas. Porque se trabalhamos sempre para a nossa sobrevivência, essa sobrevivência não tem a ver somente com a manutenção da vida biológica. Tem a ver principalmente, com a manutenção do significado do sentido da vida (Duarte Jr., p. 21).

O sentido da vida, então, passa a ser a grande chave em questão, pois através da busca dele encontramos as possibilidades de outros sentidos, ou seja, renomear o que já foi dito ou até mesmo incansáveis brincadeiras errantes de nomear o indizível. Praticas infantis fundamentais ao manifestar do fazer poético e que quebrar através da palavra o cotidiano retilíneo e uniforme. Em Duarte Jr. (1988, p.39) encontramos:

Feito um carretel, nossa vida se desenrola, do nascimento a morte, num fio contínuo. Há um fluxo vital ininterrupto, um experienciar constante, que perspassa nossa existência. Sobre este contínuo de nossas experiências é que advêm as palavras, recortando-as em “fatias”, cristalizando-o em momentos, significando-o, enfim.

É possivelmente na busca por um sentido além cartesiano que as palavras ganham outras formas de existência, elas passam a expressar algo além do seu significante e criam uma espécie de vida própria dentro de contextos sensíveis. As palavras são um resumo fragmentando do nosso sentir constante. Elas procuram sempre tomar este sentir e simbolizá-lo. Buscam simbolizá-lo e exprimi-lo (Duarte Jr., p.40).

O sentido além experienciado através da palavra é o que faz da palavra mais que linguagem, faz dela arte. Segundo Duarte Jr. (1988, p.46)

Podemos considerar que, na poesia, a linguagem procura, precisamente, alterar sua própria maneira de significar. Procura expressar ao máximo o seu pólo expressivo, distanciando-se da simples transmissão de conceitos. Dissemos,[...] que face ao mundo dos sentimentos procuramos nos exprimir por metáforas, por imagens[...]. E é isto que faz o poeta: cria imagens que, ao nível lógico, não possuem significado – elas se dirigem aos sentimentos.

O trabalho artístico desenvolvido através da sensibilização literária auxilia de forma muito positiva no processo de formação do sujeito. Pois através da provocação impulsionada pela poesia o indivíduo pode ser estimulado a se perceber como parte de algo maior. A sensibilização despertada pela provocação desarticula o eixo, causa estranhamento, aguça os sentidos; a recepção da poesia gera experiência, e a partir daí novos sentidos podem se fazer presentes para este experienciador. Durante o decorrer dos processos de apreciação poética poderá ocorrer a transformação de consciência necessária ao processo de crescimento do ser humano; cabe ressaltar, que esse processo precisa passar pelos sentidos, e que não é o simples fato de disponibilizar poemas, ou mandar que seja feita a leitura para que o indivíduo consiga sentir a poesia existente na própria poesia. Esse processo varia de acordo com a sensibilidade de cada um e dependendo da realidade vivenciada precisará ser facilitado através do contato com outros meios, por recursos de sensibilização como por exemplo a audição de músicas, o cheirar de aromas ou o visualizar imagens. Recursos bem utilizados poderão despertar o gosto pela leitura, e permitirão o despertar da provocação possibilitada pela poesia.

Segundo Filipouski (2006, p.336):

Isso significa que o eu lírico e o leitor formam uma comunidade de sentido, isto é, debruçam-se sobre uma mesma experiência e projetam, por meio da sensibilidade estética, perguntas e respostas que concretizam a interação entre eles e com o contexto aludido pela leitura do poema. Durante o procedimento de ler, o leitor complementa os vazios do tema com sua experiência e capacidade de simbolização, mobiliza suas histórias de leitura para estabelecer relações com o contexto e com outros textos, constrói conhecimentos e frui esteticamente o exercício de ler que executa.

4 POÉTICAS EM POESIA

Algo foi pensado sobre Paulo Freire, Humberto Maturana, Carlos Drummond Andrade, Fernando Pessoa e outros nomes que ajudaram a pensar e re-pensar educação, poesia e liberdade. Todavia, a prática educacional trouxe algumas novas lacunas e estas pareciam impreenchíveis. A formação em Letras embasou a crença em que a educação compatível meu humor é uma educação através da palavra, todavia, dentro do ambiente escolar imerso, esta foi a real crise, pois segundo a Bíblia, a boca fala do que está cheio o coração, no entanto, a realidade do ambiente escolar vivenciado durante o desenvolvimento de projeto revelou corações cheios se silenciamentos.

4.1 O surgimento da questão

Tantos são os impedimentos para a palavra, que o falar, em alguns casos fica quase que comparável a algo fisiológico, ou seja: pedir, reclamar, xingar, gritar. Poucos alunos na faixa etária dos dez anos, nas duas escolas estaduais que vivenciei durante três anos, pareciam ter consciência do amplo valor da palavra. Gestos, tapas, gritos, urros, xingamentos, agressões, eram cenário vulgares de um ambiente refletivo de uma realidade um tanto quanto carente de tantas coisas que seria necessária uma outra questão problematizadora para dissertar acerca deste tema. Quanto a mim, após um ano de realidade, outro de estranhamento e reconhecimento, coube buscar a ação. Esta, eu percebi que não seria possível de ser realizada através das palavras, era necessário buscar a revolução. Somente uma revolução da consciência poderia despertar um novo olhar, para estimular um novo ser. Demorei a achar a porta, custei a enxergar a fechadura e como eu não tinha a chave, precisei buscar outros recursos. Após muitas tentativas frustradas, percebi que os meus alunos precisavam de linguagens que alcançassem os sentidos, pois assim eles se acalmavam, esquecendo por instantes o excesso de ansiedade, angústia, nervosismo, raiva, irritabilidade, sadismo e outras manifestações do silenciamento deles. A idealização de uma oficina de poesia foi a forma encontrada por mim de conseguir aquecer os corações dos meus alunos e ajudá-los a libertarem as suas mentes e seus olhos da escravidão.

Todavia, no decorrer do projeto houve modificações, pois eu mudei de escola, sai de Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Tolentino Maia em Viamão e fui para a Escola Estadual de Ensino Fundamental Brigadeiro Francisco Lima e Silva.

Na Escola Brigadeiro Lima e Silva me deparei com uma realidade bastante diferente, pois os alunos já conheciam poesia e gostavam muito de recitá-las. Assim, o ambiente favoreceu as oficinas.

4.2 Seleção dos poemas

A base da oficina consistiu em encontrar poemas significativos, então selecionei alguns critérios para a escolha dos poemas utilizados.

Os poemas obrigatoriamente deveriam: ser belos, ter imagens lúdicas e apresentar brincadeiras com a linguagem. Encontrei essas características em alguns poemas na produção de Paulo Leminski, Sérgio Capparelli e Mário Quintana.

Considero bastante delicado o processo de um adulto escolher textos para crianças, passo horas lembrando que me fazia sentir quando eu tinha a idade dos meus alunos, porém sei que a distância é incalculável. A dedicação precisa ser muito maior, pois é muito fácil falhar, sendo que neste processo de seleção é necessário usar além do bom gosto, a intuição e esta assim como o outro pode falhar.

Durante o período me dediquei a educar o meu olhar, busquei poemas visualmente belos, livros novos, coloridos, e preferencialmente com o miolo em papel couche, por ser sensorialmente mais agradável.

A coletânea Poesia fora da estante foi muito útil, pois nela encontrei um acesso fácil a vários poemas infantis interessantes.

Além disso, trabalhei com os 111 poemas de Sérgio Capparelli e com alguns livros ilustrados por Joãocaré.

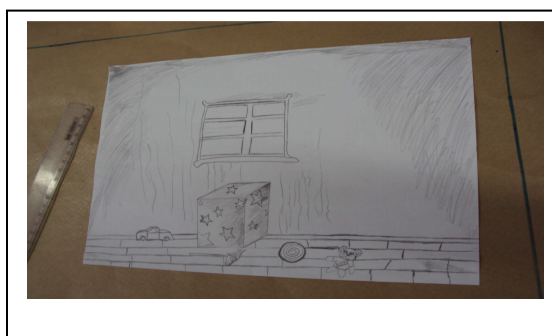
4.3 Primeiro momentos – questionários de investigação

Antes de iniciar o projeto apliquei nas duas turmas de quinta série da Escola Estadual Brigadeiro Francisco Lima e Silva um questionário. Nele haviam questões referentes a leitura e poesia. Os alunos responderam com

seriedade, porém não desenvolveram muito as respostas. Foram analisados vinte e três questionários, no questionário inicial, das vinte e três crianças que responderam ao questionamento: Existe poesia no cotidiano? Onde? Comente. Somente sete responderam de forma afirmativa e das sete quatro responderam que a poesia no cotidiano existe no ônibus – em função do projeto Poemas no ônibus da Prefeitura Municipal – das respostas diferentes, uma criança respondeu que existe em sua casa e outra disse que existe poesia dentro das pessoas; a outra que respondeu afirmativamente não respondeu onde. Na decorrência do desenvolvimento da oficina, muitas crianças começaram a ampliar o seu ponto de vista sobre poesia e passaram a mencionar imagens referentes à natureza ou ao seu padrão de beleza.

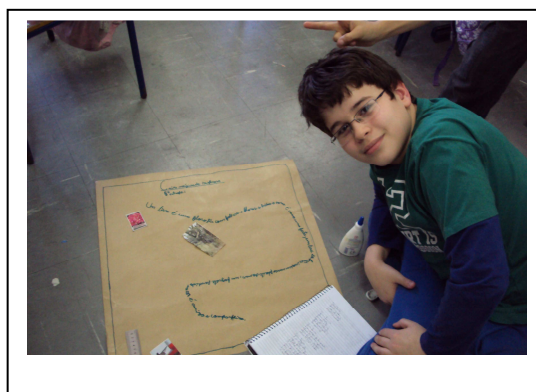
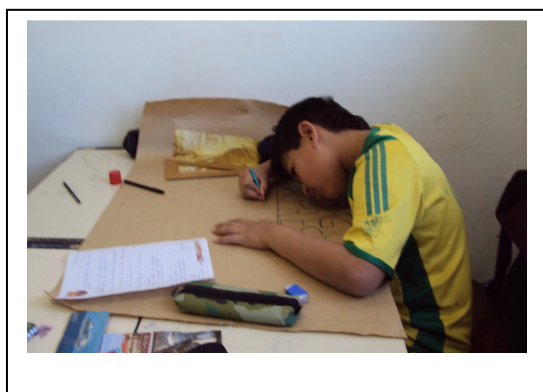
4.4 Outros momentos – o despertar dos sentidos visuais

O primeiro encontro da oficina, teve como texto o poema Caixa mágica de surpresas do Mário Quintana, após apreciação do poema os alunos utilizaram revistas para recortar imagens que, para eles, tivessem alguma relação com o poema. As imagens coletadas, apontam, principalmente, como poesia: cenas de afeto, flores, jóias, luzes coloridas, presentes e natureza.



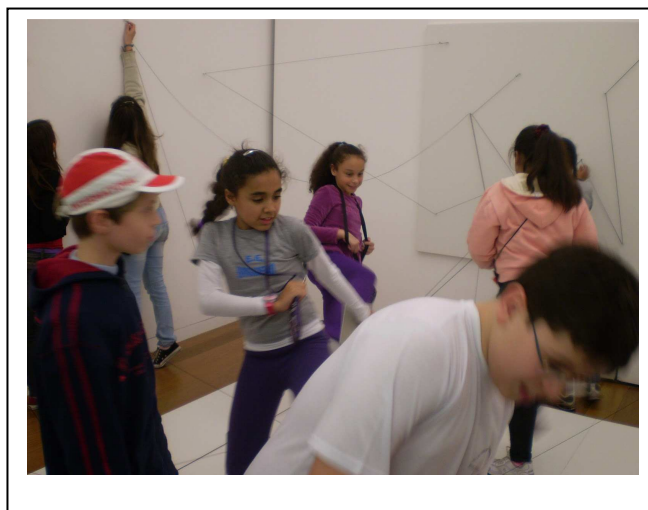
Eles elaboraram cartazes a foram tiradas fotos durante a elaboração dos mesmos. Além disso, eles assistiram episódios do Bob Esponja. Os alunos visualizaram as imagens fotografadas durante as elaborações dos trabalhos

deles e as imagens fotografadas por eles mesmos. Em virtude disso, eles relataram estranhamento ao se verem, pois não se imaginavam da forma como se viram nos vídeos ou fotos, pois estavam acostumados somente com fotos posadas, e ao verem suas imagens tiradas ao acaso, manifestaram desapontamento, todavia a prática teve o benefício de favorecer o olhar sobre si mesmo e o refletir sobre o papel desempenhado no espaço vivenciado, as fotos e vídeos proporcionaram estranhamento sobre acerca do cotidiano e uma motivação para superação das imagens criadas sobre o mesmo.



Sobre os episódios do Bob Esponja, o trabalho sugerido foi a identificação de sentimentos na trama, e a relação dos fatos e do desenvolvimento do episódios com os elementos apresentados, selecionei para esta análise o episódio Lar doce abacaxi, pois nesse episódio o protagonista vivencia a experiência de ficar sem casa e tem o seu cotidiano interferido por isso. Além disso, é um dos poucos desenhos da série que mostra os pais do personagem, e é através da depuração dos seus sentimentos que ele resolve o problema.

Houve durante o desenvolvimento da oficina uma visita da turma 51 ao Museu Iberê Camargo, a exposição Desenhando no Espaço. Eles visitaram com a professora da matemática uma exposição que apresentava arte através de formas geométricas. Os alunos adoraram o passeio e desenharam as imagens que presenciaram na exposição.



4.5 Outros momentos – o despertar dos sentidos auditivos

A Mulher Gigante, do grupo Cuidado que Mancha, os Saltimbancos do Chico Buarque e contos de fadas foram alguns dos recursos auditivos utilizados durante o projeto, além disso, trabalhamos com a leitura de poemas, fábulas e outros textos. As atividades de audição foram a parte mais difícil da oficina, pois todos os alunos queriam falar ao mesmo tempo e gritavam muito, a sala de aula se tornava um ambiente extremamente conturbado, e os alunos não se respeitavam entre si.

Para educar o sentido da audição, passei a fazer com eles atividades de rodinhas das emoções, nas quais eu sugeria questionamentos e deixava eles falarem tudo o que quisessem, no início foi bastante difícil, porém, após três encontros eles passaram a aceitar o fato de terem de escutar os colegas. Muitas vezes, eles sentiam a necessidade de questionar, criticar ou até mesmo debochar dos outros, todavia, aos poucos eles começaram a perceber que gostavam quando os colegas os ouviam, e passaram a ouvir para serem ouvidos.

Outra atividade que surtiu um bom efeito foi a divisão dos alunos em grupos e a solicitação de que eles escolhessem textos para serem treinados e lidos para o grupo. Eles escolhiam textos grandes, e mesmo sem haver solicitação começaram a dramatizar os textos.

A contação de lendas urbanas também favoreceu o trabalho entre os alunos, eles prestavam atenção nas falas dos colegas para poderem conhecer

as lendas, além disso, o fator medo afetava as emoções e eles ficavam muito atentos e muito abertos enquanto as lendas eram contadas, entre as lendas escolhidas pelos alunos as mais selecionadas foram a “Lenda da Maria Degolada” e a “Loira do Banheiro”.



Outro fator que favoreceu a educação dos sentidos auditivos, foi que os alunos visitaram um concerto do Bannrisul no Teatro São Pedro, lá eles assistiram a interpretação de músicas já conhecidas por eles, porém em um ambiente extremamente diferenciado, pois a maioria dos alunos nunca havia ido a um teatro e muitos relataram ter ficado impressionados com a arquitetura do teatro e com a audição das músicas.

4.6 Outros momentos – o despertar dos sentidos olfativos

Durante as oficinas foram utilizados aromatizadores de ambiente com óleos essenciais de lavanda e essências florais para integração dos grupos e harmonização de traumas, para tornar o ambiente mais aconchegante. O aromatizador era borrifado nos quatro cantos da sala de aula, a grande maioria dos alunos gostava de iniciativa e inclusive agradecia e solicitava que fosse borrifado mais, todavia, alguns alunos achavam horrível, reclamavam manifestavam sensações estranhas, como por exemplo repulsa ou raiva, cabe ressaltar, que a maioria dos alunos que reclamavam de incômodo referente ao aroma, eram os mesmos alunos que manifestavam agressividade durante as aulas.

4.7 Outros momentos – o despertar dos sentidos sensoriais

Aulas de yoga, automassagens e oficinas de argila fizeram parte do despertar da pele, muitas foram as restrições ao toque. As oficinas de argila

foram uma novidade para a turma, a grande maioria deles nunca havia manuseado argila, apresentavam dificuldade em fazer formas, como por exemplo: uma bola.

Todavia, eles gostaram da experiência, apesar de terem achado estranho, aceitaram o desafio e fizeram máscaras na Semana da Consciência Negra, conforme a proposta orientada.



4.8 A escrita dos poemas

Antes de iniciarmos o processo de escrita, foi solicitado aos alunos que trouxessem seus poemas favoritos para a escola e montamos dentro da sala de aula um varal com os poemas deles.

A escrita dos poemas foi um processo bastante tranquilo, todavia, os resultados foram um tanto quanto diferentes do almejado.

4.9 Alguns poemas

A primeira produção textual foi inspirada por uma série de fragmentos de músicas relativas ao “eu”.

O texto a seguir foi a primeira produção de um aluno:

Como é o Mundo do Meu Eu

Eu sou um dos mais “diferentes alunos” da minha turma, mas tenho algumas semelhanças: eu e o Alessandro temos mesmo gosto musical; eu e o Eduardo gostamos dos mesmos jogos de vídeo game; eu e o Willian gostamos de fazer atividades juntos; eu e o Matheus gostamos de mitologia grega; etc.

Mas todos temos diferenças. Minhas principais são gostar de estudar, aprender, ler e não ser bom na maioria dos esportes e não gostar de futebol.

Também não falo palavrões, não mostro o dedo do meio e odeio a maioria dos ingleses.

Para pessoas diferentes conviverem juntas é só respeitarem e, se possível e, se possível, aprender com as diferenças. Além do mais, se todos fossem iguais o mundo seria um tanto chato, certo?

A segunda produção textual foi um poema acróstico.

Quem eu sou

I é de Imaginação

G é de grandeza de espírito

O é de ouvinte do necessário

R é de respeito as pessoas que me cercam.

A terceira produção foi um poema livre:

Os mundos das Aves

Pão na praça

Peixe no mar

Ração na gaiola

Minhocas na árvore

Ninhos de palha

Casa de barro

Buraco de árvore

Topo de montanha

Na gaiola presa

No ar livre

Esses são os mundos

Das aves do mundo

As produções textuais fornecem em geral um bom material referente ao cotidiano dos educandos. No primeiro texto, ele inicia falando que se sente

diferente, porém, busca referenciais de colegas dentro da mesma sala de aula para afirmar semelhanças, é interessante o quanto estes referenciais estão associados aos gostos particulares, música, estudo, literatura enquanto as diferenças são fundamentadas em questões sinestésicas como esportes, futebol. O ambiente escolar é retratado através da ilustração de expressões vulgares da linguagem como palavrões e gestos. Muito interessante a relação feita pelo aluno entre os colegas e os ingleses. O conflito é resolvido através de um conceito moral. A figura versus os outros e a diferença como ideal de beleza, ou pelo menos entretenimento, possível somente através do tolerar que ele define como respeito.

A temática do respeito, presente na primeira produção, é reforçada no acróstico, pela figura do respeito às pessoas que o cercam. Cabe ressaltar, que em *Os Mundos das Aves*, ele enumera figuras que ao seu espaço se definem, e que de maneira indireta, podem estar exemplificando o que o eu-lírico define como respeito, todavia a temática se modifica, pois, está passa a alcançar o discurso da liberdade, ou seja, cada um em seu lugar, respeitando o espaço individual de outro como promessa de liberdade, ou de alcance de algo maior, visto que no acróstico, o eu lírico revela permeabilidade, pois ouve somente o necessário, pois se preocupa também como a elevação do espírito.

A imagem da cerca de pessoas que aparece no primeiro texto é reincidente em *Os mundos das Aves*, pois duas vezes aparece a imagem da gaiola, nos mundos das aves do mundo existem gaiolas, os primeiros quatro versos abordam questões vinculadas a alimentação, dependendo de onde a ave habita, um diferente alimento, na gaiola é ofertada ração, porém na praça é ofertado o pão que é o alimento de espírito.

Na estrofe seguinte, os elementos tratam da habitação, lar versus liberdade, conflito já estabelecido por outros ilustradores do cotidiano, como é o caso de Chico Buarque no poema *História de uma Gata*.

As imagens referentes ao cotidiano, de acordo com os três textos do aluno demonstram a convivência, a possibilidade de criar asas através da imaginação e os cuidados básicos, alimento e lar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da oficina de poesia revelou muitas particularidades relacionadas à expressão dos alunos. Durante o processo muitos deles adquiriram o hábito da leitura poemas, assim, os livros retirados para leitura lúdica na biblioteca começaram a pertencer também ao gênero lírico.

As aulas de leitura e a recitação de poemas foram vistas pelos alunos como momentos fortes das aulas de língua portuguesa, e eles apresentaram bastante entusiasmo nestes momentos. Cabe ressaltar, que a leitura de poemas foi uma prática frequente nas aulas e que o próprio grupo solicitava leituras em voz alta. Todavia, o tom não coube em si. Muitos alunos se entusiasmavam tanto que passavam a gritar, subir nas cadeiras, pular, ficavam ruborizados e lutavam pela palavra. Naturalmente, eles buscaram a dramatização como linguagem. Escolhiam textos, encenavam e olhavam de forma crítica as representações dos colegas. A palavra tomou outro sentido, e este imprimiu novos significados as praticas deles. Outra situação interessante é que, muitos alunos passaram a retirar na biblioteca textos dramáticos, eles se apropriaram dos gêneros textuais, além do narrativo, de uma forma surpreendente, a poesia trouxe liberdade, assim a turma passou a aceitar diversas possibilidades com palavras e expressar os textos lidos.

Além disso, os laços afetivos também foram fortalecidos, pois nos momentos cênicos era necessário o exercício de olhar para o outro, postura que precisou de muita força para ser semeada, visto que no início, não havia respeito, era praticado bullying e os alunos tentavam de muitas formas sabotar os colegas através de deboches, gritos e objetos jogados uns nos outros. Acredito que a mudança desta postura se deu em função da boa vontade de aproximadamente seis alunos que desde o início do projeto abraçaram a proposta e foram determinados no desenvolvimento dela, e da exibição em sala de aula dos vídeos filmados dentro da mesma, pois assim os alunos conseguiam se ver, e talvez, refletir sobre a sua postura. Percebi que alguns atos que eles pensavam ser interessantes quando praticavam, ao serem olhados no vídeo não subsidiavam o resultado, os alunos que ora debochavam dos outros, tocavam objetos ou praticavam outras formas de atrevimentos, ao

se verem exibidos nos vídeos, passavam a assumir outras formas de postura, alguns deles passaram a ajudar nas filmagens e outros passaram a também encenar textos ou simplesmente aceitaram ler em público.

Devido à necessidade do desenvolvimento dos conteúdos gramaticais previstos nos planos de estudo, o projeto da oficina de poesia durou aproximadamente seis semanas, pois as atividades ocorriam de forma mais intensa em duas horas semanais. Nas outras horas aula foram trabalhados conteúdos referentes às classes gramaticais, principalmente substantivos, adjetivos, pronomes e verbos.

Houve muita leitura de textos narrativos e de histórias em quadrinhos. Ao final do projeto, seis dos alunos que disseram não gostar de ler, nas entrevistas iniciais, relataram ter adquirido o gosto pela leitura, dois disseram que antes não liam porque não entendiam os livros ou que ficavam com preguiça de ler um livro inteiro e que ler poemas era mais legal porque não precisavam ficar com medo de terem de ler um monte, não precisavam ficar horas parados lendo um livro, podiam simplesmente ler um poema pequeno e curtir a viagem, era como ler historias em quadrinhos, era simplesmente ler, imaginar e resolver. Os outros alunos que tiveram despertados os seus gostos pela leitura manifestaram opiniões diversas, como por exemplo, um deles disse que encontrou algo para fazer e outro disse que pensava que era chato mas não era, outro disse que experimentou começar a ler para ficar inteligente como os colegas que já tinham o hábito da leitura e que começou a gostar.

As oficinas de poesia despertaram muitas singularidades nos alunos, eles começaram a solicitar espaço para apresentarem os seus dotes artísticos, houve um aluno que trouxe um vilão para tocar Legião Urbana para os colegas, duas alunas que apresentaram uma coreografia de jazz e muitos alunos que criavam situações para apresentarem teatro. Penso que quando os colegas começaram a ver que era belo, passaram também a respeitar e a querer alcançar algo poético para si próprios, um que de admiração tomou corpo no grupo e a partir daí houve mudança de postura e busca de resultados.

Não sei que tipo de resultados a mesma oficina de poesia geraria em outro grupo, neste houve quase de tudo, bullying, elogios, carinho, socos, visibilidade, invisibilidade, palavras, garatujas, música, gritos, vida, poesia, arte.

Todavia, seria necessário fazer diferente, pois aquele momento era exatamente o momento daquela turma, e todas são diferentes. A estratégia mais difícil de ser elaborada é a estratégia de modelar o todo respeitando as unidades, a sensibilidade mais difícil de ser desenvolvida é a de saber o que se tem para cada um. Não penso que o melhor foi feito, infelizmente, eu nem sei fazer o melhor, todavia, fiz algo através do poético, e esta escolha, creio que tenha sido assertiva. Durante o desenvolvimento de todo o projeto perguntei para as pessoas sobre a poesia do cotidiano, surgiram versos, natureza, sonhos, banalidades, tentei levar um pouco disso para os meus alunos, tentei semear poesia através do próprio, e sei que isto teve algum valor. Talvez para outros grupos, outras linguagens sejam mais relevantes, entretanto, acredito que o educador deva sempre tentar compartilhar com os seus alunos, de alguma forma, os seus gostos reais, mostrar algo que seja apresentado com brilho no olhar, pois o que os alunos, pelo menos os meus alunos, os alunos que tenho compartilhado nos últimos quatro anos buscam é o sentido, muitos, a maioria, ainda não sabe verbalizar isso, mas tudo os distrai, como Alice que corre atrás do coelho e vive sua aventura, buscam um coelho que não vem, são parte de um mundo estranho e ilusoriamente alternativo, as alternativas mais evidentes indicam o silêncio ou a concordância. A palavra é um dos meios de modificação, e a poesia é ainda uma forma de transgressão, através dela, podemos libertar a mente da escravidão ou pelo menos podemos reconhecer um novo mundo.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. Ed. Ática, 1990.
- CAROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez Editora, 1991.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 6ªed.São Paulo: Ed. Ática, 1995.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil, teoria e prática*. 17.ed. São Paulo: Ática,1998.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. 5ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- DUARTE Jr., João Francisco. *O Sentido dos Sentidos*. 4ª Ed. Paraná: Criar Edições, 2006.
- DUARTE Jr., João-Francisco. *Por que Arte-educação?* Campinas: Papyrus, 1988.
- FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro. Para Formar Leitores e Combater a Crise de Leitura na Escola: acesso à poesia como direito humano. In: *Ciências & Letras: Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras*. Momentos da Poesia Brasileira - Dossiê Mario Quintana. Porto Alegre, n. 39, p. 332-338, jan./jun. 2006.
- HELD, Jacqueline. *O Imaginário no Poder: as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo: Summus, 1980.
- LANZ, Rudolf. *A Pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano*. São Paulo: Summus, 1979.
- MARCHI, Diana. *A literatura e o leitor*. In: *Ler e escrever, compromisso de todas as áreas*, 5ª.ed. Porto Alegre, 2003.
- MATURANA, Humberto R. Conversações Matrísticas e Patriarcais. In: MATURANA, Humberto R.; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. *Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia*. São Paulo: Palas Athena, 2004.
- PEREIRA, Marcelo de Andrade. Pedagogia da Performance: do uso poético da palavra na prática educativa. In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre, RS, Vol. 35, n. 2 (maio/ago. 2010), p. 139-156.
- ROLLA, Angela da Rocha. *Ler e escrever literatura: a mediação do professor*. In: *Ler e escrever, compromisso de todas as áreas*. 5ª.ed. Porto Alegre, 2003.

SANTOS, Volnir. *Poesia: Palavra em falta (uma anatomia do poema)*. Porto Alegre: WS editor, 2002.